

RE-LEITURA DE UMA FÁBULA ESÓPICA

Maria José Campos Rocha¹

Resumo: Este trabalho objetiva fazer a releitura de uma fábula esópica a partir das categorias aristotélicas do *logos*, do *ethos* e do *pathos*, considerando os deslocamentos respectivamente possíveis. Para isto, recorreu-se aos termos gregos, a fim de surpreender os deslizamentos de sentido que possibilitam o deslocamento, com base nos pressupostos teóricos das análises de discurso francesas e brasileiras.

Palavras-chave: Categorias aristotélicas; Fábula esópica; Deslocamento de sentido.

INTRODUÇÃO

Falar sobre as categorias aristotélicas do $\delta \bar{\epsilon}\text{H}$ (*logos*), do $\geq 2\epsilon\text{H}$ (*ethos*) e do $\text{B}\zeta 2\epsilon\text{H}$ (*pathos*) exige uma leitura atenta da Retórica. Deslocar o sentido dessas categorias numa fábula esópica requer paciente pesquisa desses termos e cuidadosa atenção ao rigor científico.

Ao recorrer aos pressupostos teóricos das análises de discurso francesas e brasileiras, este trabalho busca a base necessária para a discussão do deslizamento de sentido das categorias estudadas.

Na Arte Retórica (*I+O; X/?X35/*), livro primeiro, capítulo 2, Aristóteles afirma:

3. $\text{I}^{\text{TM}} < * \gamma * 4\zeta \vartheta \epsilon \neg \delta \bar{\epsilon} \Lambda \text{B} \epsilon \Delta 4 \text{H} \epsilon \text{:} \text{E} < \text{T} < \text{B} \text{:} \Phi \vartheta \gamma \text{T} < \vartheta \Delta \text{:} \forall \gamma \neg * 0 f \Phi \vartheta \text{:} < \theta \forall \supseteq \text{:} \infty < (\forall \Delta \gamma \vartheta \Phi 4 < f < \vartheta \supseteq 2 \gamma 4 \vartheta \epsilon \neg \delta \text{E} (\epsilon < \vartheta \epsilon \text{H}, \forall \supseteq * \infty f < \vartheta \supseteq 6 \Delta \epsilon \forall \vartheta \leftarrow < * 4 \forall 2 \gamma \vartheta < \forall \text{:} \text{BTH}, \forall \supseteq * \infty f < \forall \leftrightarrow \vartheta \supseteq \vartheta \supseteq \delta \bar{\epsilon} \Sigma, * 4 \vartheta \epsilon \neg * \gamma 4 6 < \beta < \forall 4 \geq \forall \forall \text{:} < \gamma \Phi 2 \forall 4 * \gamma 4 6 < \beta < \forall 4.$

Entre as provas dadas pelo discurso, é possível distinguir três espécies: umas estão no caráter do orador; outras nas motivações criadas no ouvinte; outras no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou procura demonstrar.

Aristóteles, *Arte Retórica*, livro 1, p. 14.

Cabe explicitar que o autor, ao tratar da qualidade das provas utilizadas pela retórica, emprega o termo $\vartheta \epsilon \neg \delta \bar{\epsilon} \Lambda$, genitivo de $\delta \bar{\epsilon} \text{H}$, na dimensão de discurso. *Logos*, raiz $\delta \gamma \chi$, dizer, falar. Em seguida, o participio substantivado $\vartheta \epsilon \neg \delta \text{E} (\epsilon < \vartheta \epsilon \text{H}$, do orador. Mais adiante $\vartheta \supseteq \delta \bar{\epsilon} \Sigma$, no próprio discurso. *Logos* está assim utilizado na dimensão retórica, no sentido mesmo da oratória.

O termo $\geq 2\epsilon\text{H}$ aparece flexionado $02\gamma 4$, no dativo, na sua dimensão retórica de caráter do eu, caráter habitual. O $\geq 2\epsilon\text{H}$ (*ethos*) implica a impressão causada pelo orador ao auditório. Trata-se, pois, de uma categoria que supõe regras sociais, hábitos e comportamentos. O $\geq 2\epsilon\text{H}$ (*ethos*) se constitui no seio da sociedade. É uma construção psico-sócio-cultural formadora das próprias leis da cidadania. Categoria complexa que ordena a estabilidade de um grupo social, a depender do repertório e anseios da comunidade. O estagirita diz:

¹ Graduada em Letras Clássicas, Especialista em Análise do Discurso, Especialista em Língua e Literatura Grega.

4. $\forall \epsilon > 0 \exists \delta > 0 \text{ tal que } \forall x \in \mathbb{R} \text{ se } |x - a| < \delta \text{ então } |f(x) - f(a)| < \epsilon$

$\forall \epsilon > 0 \exists \delta > 0 \text{ tal que } \forall x \in \mathbb{R} \text{ se } |x - a| < \delta \text{ então } |f(x) - f(a)| < \epsilon$

Aristóteles, Arte Retórica, livro 1, p. 14.

Consegue-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de forma a deixar a impressão de ser o orador digno de confiança.

É preciso também que este resultado seja conseguido pelo discurso sem que interfira qualquer preconceito favorável ao caráter do orador.

Continuando a leitura do texto:

5. $\forall \epsilon > 0 \exists \delta > 0 \text{ tal que } \forall x \in \mathbb{R} \text{ se } |x - a| < \delta \text{ então } |f(x) - f(a)| < \epsilon$

Aristóteles, Arte Retórica, livro 1, p. 14.

Obtém-se a persuasão dos ouvintes, quando o discurso o conduz a sentir uma paixão, pois os juízos que proferimos variam conforme experimentamos aflição ou alegria, amizade ou ódio: como dissemos antes, é este o único fim à qual pretendem os esforços dos autores atuais de artes oratórias.

Aqui está o ponto nodal de toda a discussão pretendida. O $\beta\zeta\eta$ (*pathos*), utilizando a autoridade etimológica, da raiz do verbo grego $\beta\upsilon\lambda\eta$, sofrer, implica o sofrimento. O dicionatista M. A. Bailly registra no seu *Abrégé dictionnaire grec-français*, Paris, 1901, p. 642, o vocábulo $\beta\zeta\eta$ (*pathos*) nas suas diferentes acepções: o que se experiencia, o que se prova, o que afeta a alma, de bem ou de mal, sobretudo de mal. Na retórica, a expressão apaixonada, o patético. O verbete do dicionário antes citado registra os múltiplos sentidos possíveis do $\beta\zeta\eta$ (*pathos*): inclusive a acepção de sentimento exacerbado de dor ou de prazer. Os trechos da retórica aristotélica escolhidos para este trabalho ajudam muito na discussão sobre $\beta\zeta\eta$ (*pathos*), mas, cumpre dizer que ainda não bastam. Faz-se necessário recorrer a outros capítulos da Retórica do estagirita. Mas, neste trabalho para a IX SEMOC 2006, o tempo não é um aliado. Contudo, a leitura atenta dos trechos acima apresentados permite flagrar o deslizamento do sentido tanto no termo $\beta\zeta\eta$ (*pathos*) quanto no θ ($\theta\eta$ (*lógos*) e no $\zeta\eta$ (*ethos*).

Partindo, então, da reflexão sobre essas categorias aristotélicas, parece viável reler uma fábula esópica, atentando para o deslizamento do sentido nela mesma. Para isto foi selecionada a fábula esópica de número 32, intitulada tradicionalmente como $\theta\beta\alpha$ $\beta\upsilon\lambda\eta$ (A raposa e as uvas) que se encontra no livro *Ésope, fables, texte établi et traduit par Émile Chambri, quatrième tirage*, Paris, *Les Belles Lettres*, 1985.

As fábulas atribuídas a Esopo, figura envolta em lendas, são narrativas breves marcadas por forte cunho popular e, principalmente, sócio-político e crítico que percorreram a Grécia por volta do século V a.C.

O cenário social e político na Grécia dos séculos VI e V a.C. caracterizava-se por constantes atritos internos provocadores da instabilidade tão indesejada pelos gregos. A $\Phi\theta\zeta\Phi\Lambda\text{H}$ (*estase*), estabilidade que lhes era tão cara estava ameaçada por toda essa época, conhecida pelo nome de "arcaica". Durante todo o "arcaísmo" (750 – 500 a.C.), que se segue à chamada "idade das trevas", a Grécia se empenhou, paradoxalmente talvez, pela estabilidade, ao mesmo tempo em que lutava pela extensão dos direitos à cidadania para todos. É essa luta de classes sociais, luta de poderes, que contribui, dentre outros fatores, para a prática da retórica e da dialética, duas grandes $\theta\Xi\text{Π}<\nu\Lambda$ (técnicas) de atualização do θ $\bar{\Xi}\text{H}$, o termo *lógos* aqui usado no sentido de palavra falada, elocução. Por esse tempo, designado só muito posteriormente de "arcaico", a escassez alcança seu maior nível e a miséria instala-se no segmento social mais pobre, detonando, assim, as lutas internas que permeiam quase toda a história da Grécia: lutas sangrentas e lutas expressas pelo θ $\bar{\Xi}\text{H}$ (*lógos*), palavra, discurso: o discurso da nobreza e o discurso do povo. É esse discurso contra a fome de alimento e de justiça social que encontra lugar, dentre outros, nas narrativas fabulares apresentadoras de personagens construídos de animais e/ou vegetais dotados de voz. Voz que, metaforicamente, grita os seus direitos. A voz de um segmento social excluído da *paidéia* grega. Instala-se, assim, uma crise, do grego $\theta\Delta$: $\Phi\Lambda\text{H}$, ação de distinguir, faculdade de saber separar, decidir, contestar. Por um deslizamento de sentido, o termo grego *crise* tem o sentido de decisão judiciária. No mundo grego antigo, a *crise* era associada a algo dinâmico que levava a uma tomada de decisão e de posição. $\theta\Delta$: $\Phi\Lambda\text{H}$, da raiz grega $\theta\Delta\Lambda$: escolher. A crise, portanto, conduzia a uma opção. Os gregos optaram pela democracia.

Por volta desse tempo (750 – 500 a.C.), o itinerário no Mediterrâneo era freqüentado por comerciantes e navegadores que transitavam na intenção de compra e venda. Nesse trânsito de comunicações vão as estórias dos marinheiros, contos populares que chegam do Próximo Oriente para Grécia. Portanto, não se pode afirmar que a fábula é uma invenção, exclusivamente grega, desconsiderando a influência oriental. Uma forte tendência eurocêntrica procura relegar ao silêncio toda a influência oriental no mundo grego, elevando-o, assim, a fonte e paradigma único da cultura e civilização ocidentais. No entanto, uma pesquisa mais atenta sobre a velha Hélade pode mostrar as marcas substantivas de povos orientais em diferentes áreas, como nas crenças, nos ritos e nos comportamentos. Os sítios arqueológicos, hoje, já comprovam aquilo que os preconceitos ainda insistem em ocultar e excluir.

DESENVOLVIMENTO

O corpus

NARRATIVA 1

AESOPI FABVLAE

32

ζ!8φB0> 6VX ∃ δΔΛH

ζ!8φB0> 84:φδθ≅ΛΦV,)H f2γςΦVθ≅ B ¯θ4<≅H <V*γ<*Δς*≅H ∃ δΔΛVH
6Δγ:V:Ε<≅ΛH, "∃≅Λ8Z20 V↔δ™< BγΔ4(γ<ΕΦ2V4 6V.: ≅↔6 "β<Vθ≅. ζ!B∇88Vθθ≅:Ε<0
*∞ BΔ∈ H ♥VΛθ←< γ⊃Bγ<θ (():NV6EH γ∅Φ4<.)

?←δT 6VX δ™< <2ΔφBT< ♣<4≅4 δ™< BΔV(:ςδT< fN46EΦ2V4 :← *Λ<ς:γ<≅4 *4ζ
Φ2E<γ4V< θ≅βH 6V4Δ≅.H V∅δ4™<δV4.

A raposa e as uvas

Uma raposa, esfomeada, ao ver um cacho de uvas numa videira, aos pulos, quis agarrá-lo. Mas como não conseguisse, afastando-se disse: "estão verdes".

Assim, também, alguns homens não podendo, por incompetência, realizar os seus objetivos, culpam as circunstâncias.

Trad. Maria José Campos Rocha

Na leitura da fábula, pode-se perceber a estrutura composicional canônica com a divisão em dois parágrafos: 1) o primeiro parágrafo apresenta a narrativa da ação. No desenvolvimento da ação, é conferido à raposa o privilégio de falar. A personagem raposa pensa, raciocina. É possível perceber aí o **8** (≅H (*logos*) na sua dimensão de razão, de inteligência, de exercício da razão e considerar o deslizamento de sentido do termo na acepção de palavra. 7 (≅H → razão, raciocínio; 8 (≅H → palavra racionalizada, discurso.

O **≥2≅H** (*ethos*) na dimensão de moradia contempla a valorização do espaço, do lugar que abriga, da parte que o homem escolhe para fixar morada. É um dos maiores valores da Grécia antiga, pois valida a relação do homem com a natureza, compreendendo, aqui, a palavra natureza no sentido filosófico de **vβΦ4H** (*physis*), de acordo com a preconização dos pensadores jônios e no sentido mítico de Gaia, tão respeitada pela comunidade grega antiga. Ao delimitar o espaço do homem, no solo, o **≥2≅H** (*ethos*) lhe confere estabilidade, mas tem regras, normas. Cabe referir, então, ao deslizamento de sentido do termo que vai alcançar, gradualmente, a dimensão de hábitos, valores e regras de um determinado grupo social. Nesse aspecto, o termo **≥2≅H** (*ethos*) aproxima-se do que os romanos vieram a chamar de *mores*, costumes.

O **≥2≅H** (*ethos*) é necessariamente político, pois está ligado à noção de B **84H** → cidade, cidadela fortificada possuidora de leis reguladoras de múltiplas relações. Também o sentido das

palavras se constrói em teias de relações. O emprego desse termo feito por Aristóteles (384 – 322 a.C.), citado logo no início deste trabalho, abre margem, ou melhor, talvez o próprio estagirita o faça, para o desligamento de sentido que possibilita deslocar a categoria do $\geq 2 \equiv H$ (*ethos*) explicitada na Arte Retórica como caráter do eu, no concernente ao orador.

Este trabalho se permite discutir o $\geq 2 \equiv H$ (*ethos*) da personagem raposa, na fábula selecionada.

O imaginário social grego constrói a imagem da raposa como um animal que se caracteriza pela inteligência, astúcia e eficiência para tratar com os interesses próprios. É este o seu $\geq 2 \equiv H$ (*ethos*): a imagem passada e cultivada. A raposa quis apoderar-se das uvas → $\text{B}\gamma\Delta 4(\gamma < \text{E}\Phi 2\forall 4$, infinitivo do aoristo 2 do verbo $\text{B}\gamma\Delta 4$ (∴ $\leftarrow \text{V} 4$, que tem o efeito de sentido de: ser superior, tornar-se senhor, o que conduz para a qualificação da raposa, para seu lugar superior na memória popular. Mas como não conseguisse, afastando-se disse: "estão verdes".

$\zeta ! \text{B}\forall 88\forall \theta \theta \equiv \text{E} < 0 * \infty \text{B}\Delta \in \text{H} \heartsuit \forall \Lambda \theta \leftarrow < \gamma \text{D}\text{B}\gamma < \theta$ ((}?:N\forall 6\text{E}\text{H} \gamma \text{O}\Phi 4 < .))

Dotada de voz, $\gamma \text{O}\text{B}\gamma <$, aoristo 2 do verbo $8\text{E}(\text{T} \rightarrow$ dizer, a raposa argumenta em seu próprio favor. O deslocamento de sentido do termo $\geq 2 \equiv H$ (*ethos*) permite analisar dois aspectos que se entrelaçam: a) a relação estabelecida entre interlocutores, que na contextualização da fábula está representada pela raposa falando para si mesma, o que implica a imagem que a raposa faz de si e a imagem que o imaginário popular constrói no referente à raposa; b) a relação do comportamento da raposa diante das uvas. A raposa desqualifica o objeto do seu desejo, quando não consegue alcançá-lo. Trata-se de uma atitude diante do mundo. É deste lugar que a raposa fala: $\text{B}\Delta \in \text{H} \heartsuit \forall \Lambda \theta \leftarrow < \gamma \text{D}\text{B}\gamma < \theta$ ((}?:N\forall 6\text{E}\text{H} \gamma \text{O}\Phi 4 < .)) → diante de si, disse: "estão verdes".

Cabe observar, também, que a raposa estava esfomeada → $84:\phi \theta \theta \equiv \Lambda \Phi \forall$, particípio do verbo grego $84:\phi \theta \text{T} \rightarrow$ estar faminta; as uvas estavam penduradas → $\exists \bar{\theta} \Delta \Lambda \forall \text{H} 6 \Delta \gamma : \forall \text{E} \equiv \Lambda \text{H}$; e a raposa desejava as uvas → $\text{E} \equiv \Lambda 8 \text{Z} 20$, mas não alcança. Incapaz de alcançá-las, a raposa, dominada por forte sentimento de perda, desqualifica as uvas desejadas. Aí está o $\text{B}\zeta 2 \equiv \text{H}$ (*pathos*) na dimensão de sentimento tão forte e desmedido, a ponto de fazer a raposa truncar a realidade experienciada. A personagem raposa está afetada pelo sentimento de frustração.

Santana Neto, no seu estudo *Paixões e apaixonados* (2006, p.1), diz: "Para se falar em paixão e apaixonados necessita-se recuar até a tragédia grega". Sim, o *locus* do $\text{B}\zeta 2 \equiv \text{H}$ (*pathos*), na sua dimensão de exacerbação desmedida do sentimento é, sem dúvida, a tragédia.

A cultura ocidental privilegiou o 8 ($\equiv \text{H}$ (*logos*), na sua dimensão de intelecto, capacidade racional, em detrimento do $\text{B}\zeta 2 \equiv \text{H}$ (*pathos*). A Grécia antiga é um lugar adequado ao estudo e pesquisa das imbricações dessas categorias.

O segundo parágrafo, o epimítio, o depois do mito, $\text{fB}\mathfrak{X} : -2 \equiv \text{H}$, cuja existência continua provocando discussões, merece atenção.

Epimítio: $\text{?}\diamond 6\forall \mathfrak{X} \theta^{\text{TM}} < < 2\Delta \phi \text{B} \equiv < \clubsuit < 4 \equiv 4 \theta^{\text{TM}} < \text{B}\Delta \forall (: \zeta \theta \text{T} < \text{fv} 46 \text{E}\Phi 2\forall 4 : \leftarrow * \Lambda < \zeta : \gamma < \equiv 4 * 4 \zeta \Phi 2 \text{E} < \gamma 4 \forall < \theta \equiv \text{H} 6 \forall 4 \Delta \equiv \text{H} \forall \text{O} \theta 4^{\text{TM}} < \theta \forall 4$.

Assim, também, alguns homens não podendo, por incompetência, realizar os seus objetivos, responsabilizam as circunstâncias.

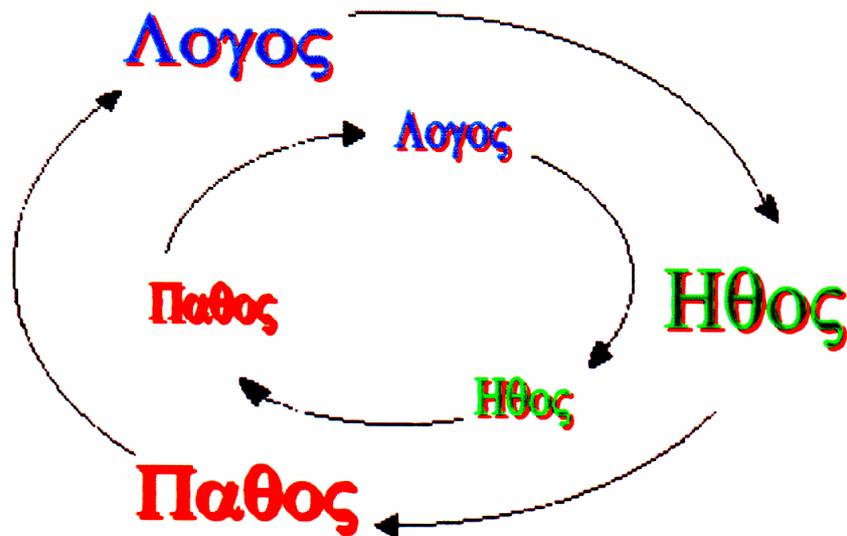
O epimítio constitui a moral da fábula. Aqui, instala-se uma discussão. Muitos estudiosos e críticos consideram que a moral da fábula constitui um acréscimo posterior com finalidade pedagógica e educativa; outros, ao contrário, acham que os gregos antigos já compunham as suas fábulas com a lição moral.

Na fábula em análise neste trabalho, o epimítio cumpre a sua função domesticadora e modelar. Ao aplicar aos homens a narrativa alegórica adverte para os "truques" utilizados

também pelos humanos: fugir da responsabilidade dos seus atos e dos próprios sentimentos, dimensão do *pathos*, através de argumentos racionalizados, dimensão do *logos*.

CONCLUSÃO

Do exposto neste estudo aqui apresentado, pode-se afirmar a inter-relação entre as categorias do $\bar{\alpha}$ (\cong H (*logos*), do $\geq 2 \cong$ H (*ethos*) e do $\text{B}\zeta 2 \cong$ H (*pathos*). Rocha (2003, p.297), discutindo a tríade retórica, procura representá-la no seguinte esquema:



Trata-se de um complexo intrincado que contempla a experiência do próprio homem no seu estar no mundo. Separá-las só seria razoável para as funções de pesquisa ou de ensino.

Concluindo, pode-se dizer que é legítimo fazer a leitura de uma fábula esópica, a partir do deslocamento das categorias aristotélicas do $\bar{\alpha}$ (\cong H (*logos*), do $\geq 2 \cong$ H (*ethos*) e do $\text{B}\zeta 2 \cong$ H (*pathos*).

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Art rhétorique et art poétique*. Trad. Jean Voilquin et Jean Capelle. Paris: Librairie Garnier Frères, 1944.

ÉSOPE. *Fables*. Trad. Émile Chambry. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1985.

ROCHA, Maria José Campos. *Um olhar sobre a retórica*. Salvador: UCSal, 2003.

SANTANA NETO, João Antônio. *Paixões e apaixonados*. Salvador: UCSal, 2006.